

FH começa a dar forma à campanha

■ Presidente busca nomes para compor equipe da reeleição

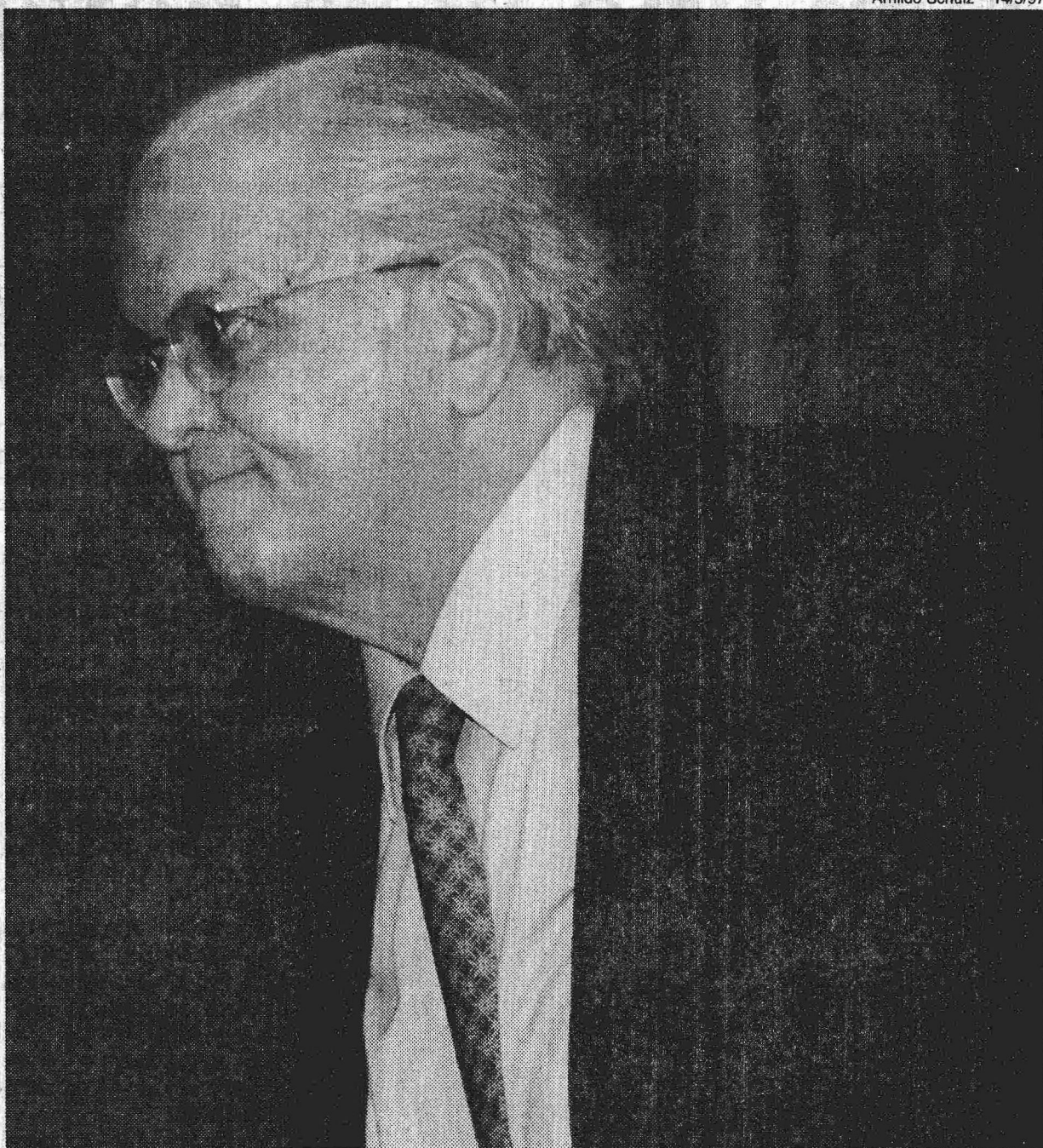
ILIMAR FRANCO

BRASÍLIA – O presidente Fernando Henrique Cardoso iniciou consultas aos ministros mais próximos e políticos aliados para definir o comando da campanha pela reeleição. Nas conversas, o nome do ministro das Comunicações, Sérgio Motta, é o que obtém maiores indicações para assumir a coordenação da campanha, por sua intimidade com o presidente e sua autoridade entre os políticos. Mesmo assim, nenhuma decisão será tomada sem a certeza de que o ministro terá condições físicas para assumir a tarefa.

A idéia predominante é a de que Motta se afaste temporariamente do ministério a partir de julho, assumindo o comando da campanha. Ele retornaria ao governo depois das eleições. “É difícil inventar alguém que tenha as características do Sérgio Motta”, afirmou um ministro. Já está definido, por exemplo, que no fim de março, depois que o Congresso tiver concluído as votações da reforma administrativa e da Previdência, passará a funcionar a coordenação política da campanha, integrada por representantes dos partidos que apóiam a reeleição de Fernando Henrique.

O ministro da Justiça, Íris Resende, deve ser o representante do PMDB. A expectativa é de que ele deixe o governo e assuma a presidência do partido. O embaixador do Brasil em Portugal, Jorge Bornhausen, foi sondado sobre a data de seu retorno ao país para representar o PFL no comando da campanha. O governador Tasso Jereissati é o nome preferido pelo presidente para representar o PSDB, mas a definição depende da sucessão para o governo do Ceará. Os tucanos têm opções, como o presidente do partido, senador Teotônio Vilela, mas ele pode ser candidato ao governo de Alagoas.

Controle – O secretário-geral da presidência da República, Eduardo Jorge, também cotado para assumir o comando da campanha, não deve deixar o governo. Sua presença ao lado do presidente é considerada fundamental para garantir rígido controle do governo durante a campanha e vitalidade na resposta a ataques. A idéia é de que o governo precisa ter força para enfrentar a campanha que, todos sabem desde já, será sustentada pelos adversários em críticas aos atos administrativos e na procura de erros e irregularidades. “O Palácio do Planalto será transformado numa trincheira de guerra na campanha”, disse um assessor do presidente. Não podem ocorrer deslizos, erros, nada que suscite dúvida de qualquer espécie.



Sérgio Motta é o mais cotado para assumir a coordenação da campanha de Fernando Henrique em 1998

Ao buscar a reeleição, o presidente Fernando Henrique Cardoso está inclinado a não montar uma equipe de programa de governo. Na eleição passada, o ministro da Educação, Paulo Renato Souza, coordenou a elaboração do programa Mãos à Obra, mas agora se avalia que isso não será necessário. Muitas das propostas e metas do Mãos à Obra já foram cumpridas, mas a possibilidade de se apresentar um novo projeto não entusiasma os governistas.

“O programa é o mesmo. No segundo mandato vamos dar continuidade à obra que iniciamos”, afirmou um auxiliar do presidente no Palácio do Planalto. Uma parte da tarefa de apresentar propostas ficará por conta do PSDB e dos partidos aliados. Os tucanos estão trabalhando para se diferenciar através de apresentação de projetos para a criação de empregos e a ampliação das políticas sociais, como a reforma agrária.

O governo prevê uma campanha muito dura e, por isso mesmo, o presidente não vai arredar pé de uma

exigência: quem participar da estrutura da campanha tem que deixar o governo. Isto não vai impedir que os ministros sejam acionados para dar palpites e participar de algumas reuniões sobre as eleições. Mas, nesse caso, haverá o cuidado de não marcar nenhuma atividade dentro do horário de expediente.

Brigas – A estratégia de Fernando Henrique Cardoso é adiar definições sobre a campanha nos próximos três meses. Um ministro explicou que “não há porque antecipar dificuldades”, referindo-se as brigas regionais entre os aliados. Além de retardar a deflagração do processo eleitoral, o presidente vai usar este período para trabalhar a pacificação dos aliados envolvidos em disputas muitas vezes inconciliáveis. O envolvimento direto do presidente no processo é considerado inevitável, de acordo com os aliados, porque Fernando Henrique Cardoso é o destinatário e o beneficiário da aliança.

“É preciso organizar o caos”, resumiu o líder do PMDB, senador Já-

der Barbalho, que vai disputar o governo do Pará contra o atual governador, Almir Gabriel, que é tucano. Fernando Henrique Cardoso pretende dar prioridade à campanha pela televisão e, à exceção de São Paulo, onde pedirá votos para o candidato do PSDB, pretende se manter à distância nas disputas locais.

Na noite de quarta-feira, durante jantar com o PTB, o presidente disse que não daria apoio a ninguém em Minas Gerais, onde os aliados devem se dividir apoiando a reeleição do governador Eduardo Azeredo, do PSDB, e lançando um adversário pelo PMDB: o prefeito de Contagem, Newton Cardoso, ou o ex-presidente Itamar Franco.

Com o aumento do desemprego e das taxas de juros e o fantasma da crise asiática rondando o país, os aliados avaliam que o presidente não pode se indispor com os candidatos às eleições estaduais. Temem que os que se sentirem preteridos rompam com Fernando Henrique Cardoso no meio da campanha, o que fatalmente levaria a eleição para o segundo turno.